

Heterogênese do Patrimônio Edificado

Com a “revolução cultural” dos anos 60 do século XX, emergiam novas vertentes filosóficas, científicas e artísticas, no entanto, intuitivamente sempre se atribuiu à filosofia o lugar onde o pensamento se orienta para pensar, e isso com seu Plano de Imanência, seus conceitos e sua lógica. A partir deste momento de mudanças, emergiram não somente novas orientações filosóficas, bem como novas conquistas científicas e tecnológicas, e novas expressões artísticas. Justamente nesse momento, emergiu uma nova vertente filosófica, o **Pensamento rizomático**, o qual evidenciou as três formas de pensar e criar: Filosofia, Ciência e Arte, ou seja, formas de conceber, funcionar e perceber. Este texto intenciona aproximar, sumariamente, essas formas com o Patrimônio edificado.

Marcantes movimentos sociais e lutas por direitos humanos caracterizaram esse momento de mudanças, inclusive, preocupações com o destino do Patrimônio histórico acumulado, e isso não apenas no sentido local, mas uma preocupação de interesse mundial, envolvendo as suas diferentes manifestações filosóficas, científicas e artísticas, ou seja, preocupações específicas com os mais expressivos acontecimentos e práticas culturais herdadas. Lembrando que, em relação ao Patrimônio edificado, anteriormente eram preservados (tombados), isoladamente, apenas edificações de elevado interesse na hierarquia social. Então, a preocupação do Patrimônio edificado passou a ser a Cidade Histórica, particularmente os centros históricos que resistiram às grandes transformações pela modernização urbana, inclusive, por recomendação da UNESCO, dependendo da importância e do reconhecimento do conjunto histórico avaliado, ser considerado Patrimônio da Humanidade.

Em 1971, foi criado em nosso país o **Programa Cidades Históricas**, o qual visava preservar as cidades que possuíam um significativo acervo arquitetônico e urbanístico herdado. Embora tal fato tenha constituído uma atitude governamental importante para garantir e preservar o nosso patrimônio edificado, vale ressaltar que essa louvável preocupação se inseria no reconhecimento da então galopante indústria do Turismo pelo mundo afora. Desenvolvimento este acompanhando do “Planejamento Estratégico” (substituindo o Planejamento Integrado), o qual, de maneira diferente, visava “gentrificar” as cidades e centros históricos, evidenciar a sustentabilidade no âmbito da “Economia criativa” do capital, apostando no Patrimônio edificado de cidades e centros históricos como especial mercadoria.

Na referida “revolução cultural”, entre as diferentes vertentes filosóficas, emergiu, como se afirmou antes, o Pensamento rizomático, o qual se caracteriza por uma nova lógica da **Multiplicidade e Heterogeneidade** (denominado também, pensamento da **Diferença**). Essa outra lógica evidenciou as três formas de pensar e criar: **Filosofia**,

Ciência e **Arte** e, em relação a elas, adotou o termo/conceito **Heterogênese** e considerou a Filosofia o lugar da criação de conceitos que são **virtuais** (incorporais) autorreferentes. No entanto, os conceitos necessitam serem atualizados discursivamente em estados de coisa, coisas e vividos, para adquirirem concretude.

Então surge a pergunta: em que consiste a Heterogênese? Para o referido pensamento rizomático, as três formas de pensar e criar – Filosofia, Ciência, Arte – se cruzam e se entrelaçam, todavia, sem síntese nem identificação, sem nenhuma prioridade entre elas, pois cada uma mantém a sua especificidade e fazem do pensamento uma **Heterogênese**.

Vale ressaltar, ainda, que na Filosofia não existe conceito simples, um conceito vem sempre acompanhado de outros conceitos, que são seus componentes conceituais. Neste sentido, o conceito Heterogênese pode ser atualizado discursivamente nas práticas da preservação do Patrimônio Edificado, todavia, considerando que ele expressa uma conexão flexível e dinâmica entre Filosofia, Ciência e Arte. Sendo assim, tornasse necessário caracterizar, para o leitor, estas três formas de pensar e criar.

A **Filosofia** tem por objetivo traçar um **Plano de Imanência**, criar **conceitos** (virtuais, incorporais autorreferentes) e adotar uma **lógica**. Trata-se do lugar onde o pensamento se orienta para pensar. Por sua vez, a **Ciência** visa traçar um **Plano de Referência**, criar **funções** (functivos) e tecnologias, e adotar a lógica da razão, lugar de proposições e da relação Verdade/Erro. Por fim, a **Arte** visa traçar um **Plano de Composição**, criar **percepções** (perceptos) e afetos, e adotar a lógica do sentido (sensação).

Contrariando o senso comum, vale lembrar que não existem conceitos científicos, os conceitos são filosóficos, pois apenas a Ciência é discursiva na atualização de conceitos filosóficos e de sensações artísticas, e isso, para **criar funções** científicas. No entanto, vale constatar que, através da **linguagem**, discursivamente se produzem **conhecimentos** sobre questões filosóficas, artísticas e, inclusive, científicas. Tais discursos ou narrativas não são ainda criações de conceitos, de funções e de perceptos e afetos; expressam, através da linguagem, apenas a condição necessária para criar.

Vale constatar que há um desejo incontido, um sentimento equivocado por parte de profissionais de Arquitetura e Urbanismo em considerar estas disciplinas inseridas no universo da Ciência. Tal fato relaciona-se com a expansão do pensamento positivista, que remonta ao século XIX e permanece até hoje, exaltando exponencialmente a importância da Ciência por suas conquistas tecnológicas enquanto “Progresso”, e isso, em detrimento da Filosofia e da Arte, que são desmerecidas por este pressuposto de valorizar apenas a Ciência. Tal fato vem provocando um natural “complexo de inferioridade” entre profissionais que aplicam conhecimentos humanos e sociais, como é o caso da Arquitetura e do Urbanismo. E isso também resulta de um equivocado

entendimento do CNPq que, em seu site, se refere às três áreas de “conhecimentos”, mas que, todavia, denomina todas as disciplinas como “ciências”, inclusive a Arquitetura e o Urbanismo enquanto “Ciências Sociais Aplicadas”. Um equivocado entendimento, pois, como se afirmou anteriormente, nem todo conhecimento é científico.

Vale lembrar que, segundo a Heterogênese das três formas de pensar e criar, não existe prioridade entre elas, já que são igualmente necessárias e inseparáveis nos processos vitais da Existência. No âmbito da heterogênese e da definição da Arte, enquanto criação de percepções (perceptos) e afetos em seu Plano de Composição, as disciplinas **Arquitetura e Urbanismo pertencem ao universo da Arte**, pois os conceitos filosóficos e as funções científicas e tecnológicas “entram” na Arte, “entram” na Arquitetura e no Urbanismo. Todavia, estas disciplinas mantêm suas especificidades no universo da Arte, inclusive, no Patrimônio Edificado, onde também “entram” conceitos filosóficos, funções científicas e tecnológicas.

No âmbito desses pressupostos, o Patrimônio edificado, em sua multiplicidade e heterogeneidade de tipos de edificações nas quais ele se efetua, deve se situar, portanto, no universo da arte. No entanto, não se deve confundir toda a produção no universo da arte como “obra de arte”, pois essa expressão se aplica apenas às edificações, onde emergem criativos perceptos e afetos da história da arte, e isso enquanto acontecimentos, devires-outros, em relação ao que se percebe e afeta. Assim, uma simples edificação patrimonial enquanto memória pode ser considerada apenas um específico “artefato”.

Na filosofia deleuzeana, o singular livro “Diferença e Repetição” considera que as coisas se repetem diferindo. Por sua vez, a diferença pode ser de grau, de nível ou de natureza, neste último caso, quando ocorre uma criação, um Acontecimento, um Devir-outro. Um simples exemplo pode explicar essa mudança de natureza, ao considerarmos o arcaico sistema construtivo trilítico (dois pilares e um arquivolta) frente à emergência da criação e construção do arco, fato esse que constituiu um Acontecimento, uma criação na história da Arquitetura. E mais, quando o arco foi transladado, ele gerou a abóboda e, quando girando entorno de seu eixo central, gerou a cúpula. Todas essas novas formas construtivas são criações, acontecimentos na história da Arquitetura. No entanto, quando essas formas construtivas são repetidas nas edificações subseqüentes, ocorre uma **re-criação**, ou seja, uma criação sobre algo já criado, embora se constate nessa repetição que algo difere: tanto em suas dimensões (comprimento, flecha e curvatura), como nos materiais utilizados ou então na modalidade de como o arco é inserido em determinadas composições arquitetônicas. As criações e re-criações marcam a história tanto da Arquitetura, quanto do Urbanismo, não somente como monumento, “fabulação” enquanto “obra de arte”, mas também enquanto “artefato”, nas práticas comuns de edificação. Não

esquecendo, todavia, que a heterogênese entra tanto nas criações, quanto nas re-criações.

Concluindo este breve texto, vale informar o ponto alto, o clímax da Heterogênese, e isso ocorre: onde o conceito (filosofia) se torna conceito de função (ciência) ou conceito de sensação (arte); onde a função (ciência) se torna função de conceito (filosofia) ou função de sensação (arte); onde a sensação (arte) se torna sensação de conceito (filosofia) ou sensação de função (ciência). Para exemplificar esse entrelaçamento e cruzamento das três formas de pensar e criar que a Heterogênese promove, tomemos apenas um conceito filosófico: **Espaço**, um virtual (incorporal) autorreferente; quando se diz Espaço, não se diz nada, pois ele necessita ser atualizado discursivamente no mundo da representação do Real e do Possível para adquirir uma concretude, e isso, no Plano de Referência das funções científicas ou no Plano de Composição das percepções artísticas.

Cabe lembrar que os antigos utilizavam referências antropomórficas para realizar suas edificações: pés, palmos, passos, braças, polegadas. No entanto, com o advento da Modernidade, criou-se uma medida padrão universal: o Metro, com seus múltiplos e submúltiplos. Então, o Espaço filosófico virtual, tornou-se **Espaço/físico** mensurável na Ciência, unidade funcional de medida. Resta apenas exemplificar quando o conceito espaço, um virtual filosófico, se torna conceito de sensação na arte. Na Arquitetura e Urbanismo, que são artes, isto ocorre nas diferentes representações perceptivas bi e tridimensionais, também em diferentes manifestações artísticas (artes plásticas, música, cinema, dança, teatro). O mesmo se poderia dizer do conceito **Tempo** (virtual), atualizado discursivamente em **Segundo** (pendular) e que, com seus múltiplos, mede a história da Arquitetura e do Urbanismo em anos e séculos.

Concluindo, pode-se então afirmar positivamente que a Heterogênese se aplica ao Patrimônio edificado, em sua formação discursiva, e isso, pressupondo que entre as três diferentes formas de pensar e criar: filosofia, ciência e arte, não há oposições e contradições, sejam elas conceituais, funcionais, perceptivas e afetivas, como prescreve o tradicional pensamento dialético e sua lógica binária enquanto **macropolítica** da objetivação

O pensamento rizomático, enquanto **micropolítica** do **Virtual** e do **Atual**, é apenas positividade, pois Diferença não é oposição nem contradição, mas permanentes conexões no entrelaçamento e cruzamento das três formas de pensar e criar; sem negação, mas pura positividade, inclusive, nas práticas do Patrimônio edificado.

Itaparica/ Agosto/2020